



**VI Colóquio de Epistemologia da Educação Física  
Epistemologia, ensino e crítica: desafios contemporâneos  
Vitória-ES  
13 e 14 de Dezembro de 2012**

**O CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA:  
ALGUMAS QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS**

Fabio Zoboli

**RESUMO:**

*O presente texto é fruto de pesquisas realizadas junto ao Grupo CEMEFEL (Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer de Sergipe) na linha de pesquisa “Corpo, cultura e Educação Física” do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe – UFS. O texto apresenta a Educação Física e esboça alguns problemas epistemológicos que giram em torno do corpo na conjuntura da mesma. Os problemas epistemológicos apresentados no estudo são: a cisão humana em corpo/mente; o dualismo biológico/social; o dualismo natural/artificial: o pós-humano; e, a linguagem.*

**PALAVRAS CHAVES:** *Corpo. Epistemologia. Educação Física.*

## O CORPO E A EDUCAÇÃO FÍSICA

O corpo sempre se apresentou como objeto problemático à construção dos saberes humanos tanto em termos gnosiológicos, como em termos epistemológicos. No cenário da Educação Física o corpo tem se apresentado como objeto de estudo a partir de várias problemáticas. “A problemática do corpo pode apresentar indicadores para a configuração epistemológica da Educação Física, haja vista a existência de um número significativo de pesquisas que enfocam questões relativas ao corpo” (NÓBREGA, 2006: p.60).

A Educação Física – enquanto campo de conhecimento – está situado nas problemáticas<sup>1</sup> que envolvem as manifestações culturais do corpo e do movimento humano. Movimento este que implica num ser humano/corpo que tem história; que tem uma estrutura biológica; psíquica; num ser humano/corpo que exerce e sofre poder político, que é atravessado por implicações de cunho moral e ético; num ser humano/corpo econômico e possuidor de classe, enfim, num ser humano/corpo que se movimenta em

---

<sup>1</sup> Importante mencionar que tenho consciência que nem todos os problemas são fundamentalmente objetos de estudo, pois a ciência traz em si várias limitações no que tange aos modos/métodos com que ela se relaciona com a diversidade e complexidade dos saberes.

meio a essa complexidade de multiplicidades que o torna um ser único e com necessidade de movimento.

Sendo o movimento e o corpo temas tão complexos e de interesse de um vasto campo científico pode-se afirmar que a Educação Física é composta por um emaranhado de diferentes áreas. Unir um único objeto científico para a Educação Física é, no meu entender, um tanto quanto impossível. Por isso compactuo com Bracht (2007) quando o mesmo menciona que a Educação Física precisa ser mais pensada em pequenas comunidades de diálogo em torno de uma problemática teórica acordada e compartilhada. Isso vai significar, provavelmente, a presença de diferentes comunidades organizadas de diferentes formas, produzindo e vinculando conhecimentos que se orientam em diferentes problemas.

Como o corpo atravessado por várias ciências pode ser suspenso como objeto de estudo no contexto da Educação Física? Que corpo é o corpo da Educação Física? De que corpo este campo está falando? Como é possível uma caracterização do corpo se o corpo nos remete a vários mundos – a várias metáforas? Que dificuldades epistemológicas suscitam quando desejamos uma saber não reducionista para falar de corpo?

Partindo destes questionamentos vou tentar estabelecer diálogos tensivos que possam melhor situar e visualizar o corpo no contexto dos estudos em Educação Física. Para iniciar tais diálogos me reporto a citação de Mondin (2003) quando este menciona que o corpo humano pode variar entre uma concepção científica que pensa o corpo enquanto coisa, o corpo objeto, aquilo que os alemães chamam de *Körper* e a consideração fenomenológica que estuda o próprio corpo enquanto lugar de sentidos e significações experimentadas e vividas, que para os alemães se trata do *Leib*. O primeiro consiste em ser um cadáver a ser significado pelo segundo.

Quando a ciência se apropria do corpo a partir do *Körper* ela cria no sujeito uma representação de corpo onde o indivíduo ocupa um lugar de objeto/coisa e não de ator, ou seja, de um ser humano/corpo inscrito a partir de sua história/trajetória. O corpo passa a ser apenas um evento mecânico fruto de sua estrutura anatômica pautada no cadáver em detrimento de uma “anatomia viva” que “in-corpore” a subjetividade e a intencionalidade.

Encontramos nas pesquisas sobre corpo no âmbito da Educação Física inúmeras concepções oriundas de ciências que privilegiam o *Körper*, bem como um crescente número de pesquisas que já abarcam o *Leib*. Ao se referir sobre a tradição do corpo *Körper* na Educação Física Silva (2006: p. 84) menciona que:

A ciência tradicional que lida com o corpo, assim como as proposições científicas sugeridas na Educação Física, partem de concepções de corpo e movimentos centradas na dimensão anátomo-fisiológicas e lhes atribuem uma condição de objeto material, compreendendo-o como passivo, não-criativo, a-histórico e desprovido de subjetividade. Para esta concepção de corpo “físico” e movimento “físico”, é coerente utilizar os referenciais de uma física newteana ou de uma física social comteana, como temos acompanhado até hoje em áreas que vão desde a biomecânica até as proposições enquadradas sobre a denominação Atividade Física e Saúde.

No entanto, Silva (2006: p. 82) também aponta as limitações e lacunas nas tentativas de se pensar o corpo *Lieb* a partir das ciências sociais e humanas no contexto da Educação Física:

O discurso dessas ciências não-exatas pouco enfrentou, apesar de todos esses conhecimentos, a idéia daquilo que havia de “natureza” no humano em toda em toda sua complexidade e as sínteses que se expressam em suas formas de comportamento, mantendo e reforçando um certo dualismo em sua compreensão. Nas ocasiões em que procurou enfrentar tal discussão, mostrou uma tendência de reduzir o corpo ao domínio da cultura, indicando que tudo é história e reforçando um certo relativismo multiculturalista.

Aqui não quero atribuir valores a fim de estruturarmos hierarquias e relações de poder entre estas duas bases de concepção de corpo. No entanto, o texto quer apontar a dificuldade histórica de se estabelecer diálogos epistemológicos entre os pesquisadores que tratam destes corpos no contexto da Educação Física brasileira.

Apresentados os dilemas e as dificuldades de se buscar nas mais variadas ciências a caracterização de um corpo que por sua essência é inabarcável aliada a linguagem que o evapora, quero apontar que são eles também os sinalizadores da possibilidade de suscitar respostas a essa demanda. De repente, um primeiro passo possa ser dado a partir da afirmação de Le Breton (2009: p.24) “Qualquer questionamento sobre corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende”. E continua “O ‘corpo’ é uma linha de pesquisa e não uma realidade em si” (LE BRETON, 2009: p.33).

Outro caminho seria o apontado por Ana Márcia Silva quando lança o desafio epistemológico que vai ao sentido de:

Avançar numa perspectiva epistemológica da complexidade do corpo e da corporeidade que ultrapasse o campo dos logos científico, abrindo um diálogo de saberes no qual se confrontam diversas racionalidades e tradições, além de aspectos não conceituáveis. Buscamos, em última instância, explorar a possibilidade de que essa problematização epistemológica da corporeidade possa contribuir com uma nova racionalidade humana, não no sentido de uma resolução teórica, mas de construção de mundo. (SILVA, 2006: p.86)

A acupuntura; a homeopatia; uma cirurgia plástica; o treinamento de atletas; a prática da ioga; uma massagem de chacras... Enfim, qualquer práxis dessas acima citadas é amparada em uma concepção de corpo que as justificam. “Pensar sobre o corpo, do ponto de vista teórico, é pensar também o modo como determinados discursos sobre o corpo materializam-se em determinadas práticas sociais” (NÓBREGA, 2006: p. 60). Linguagens estruturadas subjetivamente que se materializam ao mesmo tempo em que se justificam e sustentam.

## O CORPO E SEUS PROBLEMAS EPISTEMOLÓGICOS

Passo agora a apresentar sucintamente algumas questões/problemas epistemológicos que giram em torno do corpo com intenção de motivarmos o exercício de entrecruzarmos o significante destas questões/problemas para a conjuntura da Educação Física. Muito do que apresento são questões/problemas históricos, mas que a meu ver

podem e devem despertar re-significações na medida em que tentamos visualizar novos sentidos e possibilidades.

### **A cisão humana em corpo/mente**

Uma breve análise na contextualização histórico-filosófica do homem nos faz perceber que este, ao longo de sua história sempre foi compreendido basicamente sob duas esferas: a mental e a corporal, como se fossem coisas distintas. Apontamos a visão de ser humano pautada na cisão corpo/mente como um problema epistemológico quando o corpo é suspenso enquanto objeto de análise e pesquisa.

A visão cindida de ser humano em corpo/mente, na menção de Zoboli (2012) não implica tão somente duas realidades com status ontológicos e gnosiológicos historicamente construídos de modo independentemente, ela pressupõe também a predominância da mente em relação ao corpo e a subordinação deste a ela.

Desde a Idade Antiga o ser humano foi vislumbrado como partes em separado: corpo e mente. Platão – como ícone mais ilustrativo da época – e Aristóteles foram os que juntos difundiram com maior ênfase esse dualismo.

Na Idade Média a Igreja Católica com seus santos e doutores cristianizaram a cisão platônica e o corpo passou a assumir uma condição diabólica onde somente sua sacrifitação tornava o humano digno da divindade. O corpo era considerado a casa do pecado. Já a mente – também tratada analogicamente como alma – era o que acessava o divino, a pureza. A sacrifitação do corpo para elevação da alma era a base da teoria católica que influenciou sobremaneira a cultura ocidental a partir da Era Medieval.

Na Idade Moderna a filosofia de René Descartes vem reforçar com muita veemência a cisão humana e também a valoração da mente/razão em detrimento do corpo/sentimento. O pensamento desenvolvido por Descartes a partir de século XVII influenciou todo desenvolvimento científico. Nesta perspectiva de pensamento, o corpo torna-se objeto de estudo e sua mente cartesiana toma distância e o analisa decompondo-o em partes, dissecando-o e esquematizando-o. Abstraiu-se o corpo de seu contexto e o configurou-se como partes de um todo.

No entanto, dois grandes ícones da filosofia surgem para criticar as idéias de Descartes: Blaise Pascal e Bento de Espinosa. Porém, foi o filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche que veio condenar de modo mais incisivo toda uma tradição filosófica que subjogava o corpo. Nietzsche ocupa lugar de centralidade no sentido de trazer o corpo como objeto para o pensamento e o conhecimento. Em relação à temática que aqui nos interessa, Nietzsche anuncia que é preciso inverter o platonismo

Esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio – tudo isso significa, ousemos compreendê-lo, uma vontade de nada, uma aversão à vida.  
(NIETZSCHE, 1999: p.149)

Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961) é outra forte referência, pois esse filósofo fundou sua teoria no comportamento corporal e na percepção. Afirmava Merleau-Ponty que é muito difícil, na multidimensionalidade que é o homem, estabelecer uma fronteira entre o que é mente e o que é corpo. Para Merleau-Ponty (1999), o século XX apagou a linha divisória entre o corpo e o espírito. A ciência precisa ver a vida humana como

espiritual e corporal ao mesmo tempo e sempre apoiada no corpo, afinal, o corpo é o lugar em que o homem se experimenta como existente.

No meu entender, as rupturas/mudanças filosóficas na visão de ser humano em relação à cisão corpo/mente tiveram suas maiores e drásticas modificações com Nietzsche e Merleau-Ponty. No entanto, Sigmund Freud, Karl Marx e Michel Foucault também são ícones contemporâneos dentro da filosofia, pois trazem com muita propriedade uma visão de humano já muito desenraizada da cisão platônica e de todo mecanicismo biologicista disseminado por Descartes. Exemplo da materialização destas rupturas é o explicitado por Santaella (2008, p. 27):

Mesmo dentro da medicina e da biologia, que eram tradicionalmente seus redutos mais legítimos, a questão do corpo deixou de ser pacífica para se transformar em um problema de implicações legais, éticas e até mesmo antropológicas.

Desde Marx, Nietzsche e Freud, com a entrada em pauta da ação, vontade e desejo humanos, até então ignorados devido à supremacia da razão, os conceitos sobre experiência do corpo e sua relação com o mundo começaram a extrapolar sua suposta dimensão exclusivamente natural até então mantida sob a tutela da fisiologia e da anatomia. Abriu-se, assim, “uma nova zona de visibilidade do corpo”, permitindo a leitura das “inscrições dos fatores econômicos e políticos, da moral, da cultura, dos fantasmas e dos investimentos do desejo que circunscrevem o modo como o corpo emprega sua força de trabalho, institucional ou pulsional”.

Porém, a aculturação desses novos valores relativos ao ser humano enquanto corpo que transcendam a tradição de cisão disseminada historicamente no contexto da filosofia ocidental bem como o reeducar a análise científica para além do *Körper* propagadas pelo método Cartesiano de Descartes é uma tarefa que exige o estruturar de novos significados epistemológicos para mediar toda uma civilização enrijecida pela cisão corpo/mente.

A partir do acima exposto compreendo também que a cisão humana em corpo/mente é uma idealização materializada construída historicamente através de jogos de saber/poder; veiculada a partir de regimes de verdade, símbolos culturais e imaginários sociais que se encarnaram na história e nos sujeitos – subjetivando e objetivando-os – sustentando um determinado sistema de produção econômica.

A cisão corpo/mente se apresenta na base – mas não necessariamente na origem – de muitos problemas que permeiam as relações humanas. Isso significa dizer que para algumas dessas dificuldades ela é a causa e para outras ela simplesmente ajuda a sustentar. Deste modo, desvelar as relações de força que originam e sustentam essas relações, bem como criar novos campos epistemológicos para se pensar o corpo é de fundamental importância para melhor transitarmos rumo à resolução de muitos destes problemas.

### **O dualismo biológico/social**

Aproveitando o ensejo das cisões enquanto estruturadoras de cultura acuso aqui também o dualismo biológico/social como um problema epistemológico no sentido de melhor compreendermos o corpo. No que tange ao dualismo biológico/social e o desafio que o tema corpo traz para a produção do conhecimento em Educação Física Vaz (2003: p.124) aponta que:

Pensar sobre o corpo exige que se considere a separação ancestral entre cultura e natureza, entre uma dimensão corporal e outra que não seja. Essa separação outra vez, só pode ser não real, na medida em que se trata de um mesmo sujeito que não pode ser cindido, a não ser prototipicamente. A separação é, também, no entanto, real, já que é fundadora de nossa civilização, que a supõem. Mais que isso, ela é expressão de uma experiência que se atualiza, que é de dor e sofrimento, porque a cisão é violenta: trata-se da redução do corpo a objeto a ser conhecido e dominado.

Acredito que esta é mais uma armadilha de demarcação territorial que acabou se materializando através de vários signos dentro do contexto social – e do acadêmico como parte dele – que nos impedem de perceber a sua unicidade. A percepção que temos de corpo é consequência de uma multiplicidade de fluxos de signos que nos atravessam. Esse fluxo de signos é um movimento particular da cultura, é ele que dá vida/sentido a mesma.

Um dos elementos que propomos para essa problematização epistemológica da corporeidade é uma nova compreensão da “vida”, a qual nos possibilitaria um profundo processo de autocrítica e renorteamento de nossa perspectiva. A justificativa para isso poderia caminhar por um questionamento mais radical à dicotomia entre cultura e natureza que não pode ser resolvido pela oposição entre os termos, pois o entendimento da vida nos mostra que ela apresenta-se das formas mais elementares às mais complexas. A partir desse entendimento, podemos compreender que a cultura é fundamento biológico e que ao se criarem modos de vida diferentes, criam-se também, modos de funcionamento orgânicos diferentes, o que implicaria numa necessidade de reestruturação teórico-metodológica para compreendê-la de maneira mais adequada. (SILVA, 2006: p. 86)

Assim, apropriar-se da cultura é apreender uma significação através do corpo – na interação de toda sua multiplicidade e complexidade enquanto vida. Como afirma Merleau-Ponty (1999) essa apropriação não pode ser alcançada somente pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projete em torno de si um mundo cultural. Merleau-Ponty (1992) fazendo alusão a estas relações cita que o corpo se vê e é ao mesmo tempo algo visível, no entanto, ele se vê vendo. Desta maneira o corpo está em pé diante do mundo e o mundo ao alto diante dele. Entre o corpo e o mundo não há nenhuma fronteira, mas uma superfície de contato – relação.

A (des)construção dos saberes fundados na visão de ser humano pautado na cisão corpo/mente ou no binário biológico/social supõe a sua re-significação em outros saberes que a traga mais próxima da realidade humana. O que significa dizer que o aniquilamento desta crença acontecerá na medida em que destruímos as falsas evidências destas ortodoxias neutralizando a ploriferação de seus efeitos.

### **O dualismo natural/artificial: o pós-humano**

Não podemos negar que as novas tecnologias ligadas ao corpo estão causando polêmicas no que tange as fronteiras do humano. A apropriação do corpo pela

ciência/técnica inaugurada pelo método científico de Descartes e pela anatomia de Vesalius avançou de tal modo que hoje já se ouve falar da Era do “pós-humano”:

Quanto ao termo “pós-humano” suas conotações extrapolam de longe a mera caracterização dos corpos. Não obstante incluam as mutações que as tecnologias estão provocando no real do corpo, há dimensões antropológicas e filosóficas implicadas nessa expressão que a dotam de uma complexidade que envolve, mas vai além da tecnologia e até mesmo da biologia. (SANTAELLA, 2004: p. 55)

A partir dessa Era caracterizada, dentre outras coisas, pela hibridização do corpo/natural com a máquina/artificial percebemos o uso em nosso entorno de expressões tais como biocibernético, ciborgue, corpo protético, pós-orgânico, pós-biológico, dentre outros.

Vivemos, pois, um momento no qual a robótica (a produção de sistemas capazes de comportamento autômato), a biotecnologia (a manipulação dos componentes dos seres vivos, incluindo seu código genético) e a nanotecnologia (a fabricação de dispositivos moleculares) redesenham nossa forma corporal (NOVAES, 2009: p. 174)

Essa realidade vem fomentando estudos epistemológicos que giram em torno do corpo, pois:

A mistura crescente entre o vivo e o não-vivo, o natural e o artificial, permitida pelas tecnologias, atinge hoje um tal limiar de ruptura que faz explodir a própria ontologia do vivo[...] Eis, portanto, a considerável ruptura filosófica e cultural que enfrentamos. Quando o corpo e todos os seres vivos tornam-se informação codificada o que permite a manipulação e replicação da própria vida, é a transformação ontológica do humano que esta em jogo. (SANTAELLA, 2004: p.31)

Seria esse limite entre o natural e o artificial se fundindo no organismo humano uma condição que faria de nós humanos uma espécie superada na escala evolutiva? Depois de nós viria uma nova espécie de seres? Ou então, seria isso tão somente o avançar de técnicas criadas pelo homem para superar suas limitações? Essas metamorfoses não seriam a materialização de novas metáforas criadas pela dominação do homem na sua relação com a natureza, ou seja, um mero fruto da cultura humana?

Sob esse viés, vale mencionar que essa idéia de potencializar o corpo pela tecnologia não é recente, ela “compõe o imaginário de diferentes culturas que, há muito tempo, buscam superar a finitude, a condição de animalidade e a precariedade do corpo e da vida” (GOELNER E SILVA, 2012: p. 189)

Não podemos reduzir a idéia de tecnologia de potencialização de corpos humanos simplesmente aos fios de silício e a próteses de carbono, nem as intervenções de cunho genético que fazem de nossa “herança divina” um mito em desconstrução, nem tão somente as cirurgias plásticas de modelagem ou reparação funcional ou estética. Quando falamos em tecnologias temos que perceber que essa condição se refere também:

Às academias de ginástica, medicamentos, dietas, aparelhagem de musculação, roupas inteligentes e aerodinâmicas, enfim, a lugares e artefatos que não existiriam sem o desejo de se transformar o corpo em um elemento de alta performance. (GOELLNER e SILVA, 2012: p. 188)

Essa realidade fez instaurar no contexto epistemológico do corpo mais um binário: **natural/artificial**. Binário este que veio somar com os já históricos: corpo/mente, sujeito/objeto, natureza/cultura. Neste sentido acredito que faz-se necessário uma re-significação do olhar no que tange a visualização dessas novas manifestações corporais que se apropriam do humano. Urge o criar novas metáforas para se sentir, agir e pensar o corpo, mudar as estruturas de significação nos modos de concebê-lo é também parte de um processo de mudar suas relações.

## Linguagem

Ao enumerar os litígios disseminados pelo contexto dos dualismos fica claro que a proliferação dos mesmos remete a todo um contexto semiótico/linguagem que nos impede de termos uma visão de junção e relação. Há uma dificuldade em se realizar tal tarefa, pois estamos subjetivados por uma cultura sob a qual se organizam aspectos de significação, de semântica, de linguagem. Elementos culturais fortemente instituídos e que regem verdades que promovem certos mecanismos. Ficamos assim, presos a representações que limitam nossa compreensão sobre os conhecimentos que giram em torno do corpo.

Searle (1997: p. 25) nos ajuda a compreender tal quadro ao citar que:

Junto com a tradição cartesiana, herdamos um vocabulário, e, como vocabulário, um determinado conjunto de categorias, dentro das quais estamos historicamente condicionados a raciocinar sobre esses problemas. (...) O vocabulário inclui uma série de oposições aparentes: ‘físico’ *versus* ‘mental’, ‘corpo’ *versus* ‘mente’, ‘materialismo’ *versus* ‘mentalismo’, ‘matéria’ *versus* ‘espírito’.

Criar novas metáforas para se sentir, agir e pensar o corpo, mudar as estruturas de significação nos modos de concebê-lo é também parte de um processo de mudar suas relações. Esse é um desafio epistemológico para quem estuda corpo. Acredito neste sentido que os estudos a partir da linguagem e da semiótica teriam muito a contribuir.

Não se prescinde do corpo, nem como coisa, nem como ideia, nem como palavra. As palavras são feitas de corpos gramaticais. O

mundo não se reduz a semântica dos corpos gramaticais, pois os corpos se comunicam e o corpo gramatical relaciona-se com o mundo sem o qual seriam impossíveis as palavras e a sua loucura de dominar as coisas. As palavras e as coisas são realidades diferentes. Mas são corpos que se relacionam. A teoria dos corpos comunicantes esta além da semiologia, pois os corpos não são simplesmente signos. Eles são. Podem ser tidos como signos, mas existem antes e depois dos signos. Os signos é que não podem existir sem as coisas, pois os signos, como imaginação, apenas repetem as coisas existentes. A relação das coisas com os signos é de multiplicação semiótica do real existente que cria realidades virtuais, mas mesmo as realidades virtuais guardam com as coisas uma relação de comprometimento e posterioridade. Os corpos das coisas é anterior aos signos das coisas. (OLIVEIRA, 2007: p. 106)

Cabe a nós re-inventarmos ou produzirmos novos sentidos ao corpo na medida em que esses possam servir de metáforas para reduzirmos os fossos criados pelos dualismos. Esse movimento de re-significar acontecerá na medida em que as novas metáforas forem dando bases para que os dualismos sejam exauridos e percam o sentido não só enquanto algo subjetivado, mas também na materialização diária nos seus mais variados contextos.

Essa reinvenção, a criação de novas metáforas, o re-significar o corpo... Isso tudo é próprio/inerente da condição humana enquanto condição que só existe na e pela linguagem.

Podemos afirmar que só nós temos corpo, e este está na linguagem, no mundo (não é um “dado”). É possível assim termos vários corpos, e eles se constituem para nós em conquista, da mesma forma que o homem conquista o seu próprio ser. (FENSTERSEIFER, 2004: p. 293)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Me parece que o corpo enquanto objeto de estudo – independente da ciência e/ou área de conhecimento que o aborda – ainda carece de um aprofundamento na medida em que é atravessado por um sem fim de problemas de cunho epistemológico.

As dificuldades de se encontrar um conceito de corpo que contemple mais plenamente a realidade e condição humana esta longe de ser alcançado por uma única ciência que o abarque. O dualismo mente/corpo e a cisão biológico/cultural também imperam o pensar o corpo enquanto complexidade pois, dão bases de subjetivações que se materializam em ciências que o tratam a partir de uma incompletude muito grande.

Além disso, outros problemas como a manipulação tecnológica do corpo o aproximam cada vez mais da fusão com artificial. A manipulação de genes vai ainda mais longe, ela parece roubar a essência da ontologia humana. O próprio binário sujeito/objeto acaba se confundindo em meio a uma cultura que pouco valoriza a percepção e a experiência de ser um corpo no mundo – corpo relacional, corpo fenomenológico, espírito encarnado.

Ao término provisório deste texto tem-se a consciência de que o mesmo, como todo trabalho científico, será sempre (re)interpretado à luz de novas teorias/concepções. O

tempo e a história sempre terão novos olhares para novas reflexões e interpretações, pensar diferente seria ir a desencontro à essencialidade do que o mesmo se propôs.

## REFERÊNCIAS

BRACHT, V. Corporeidade, cultura corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In NÓBREGA, T. P. (ORG.) **Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, p. 97-106. 2006.

BRACHT, V. **Educação Física e ciências: cenas de um casamento** (in) feliz. 3º ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

FENSTERSEIFER, P. E. Corpo e linguagem. In. STREY, M. N. e CABEDA, S. T. L. (orgs.) **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 289-30, 2004.

GOELLNER, S.V. e SILVA, A.L.S. **Biotecnologia e neoeugenia: olhares a partir do esporte e da cultura fitness**. In: Couto, E.S. e GOELLNER, S.V. (orgs) O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas. P. 187-210. Petrópolis: Vozes, 2012.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 3d. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

MARLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O visível e o invisível**. 3 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

MONDIN, Battista. **O homem: quem ele é?: Elementos de antropologia filosófica**. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 2003.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NÓBREGA, T. P. Corpo e Epistemologia. In NÓBREGA, T. P. (ORG.) **Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, p. 59-74. 2006.

NOVAES, V. S. A performance do Híbrido: corpo, deficiência e potencialização. In COUTO, E. S; GOELLNER, S. V **Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. p.165-179. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

OLIVEIRA, E. D. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SANTAELLA, L. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 3 ed. 2004.

\_\_\_\_\_. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 3 ed. 2008.

SEARLE, J.R. **A redescoberta da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SILVA, A. M. Corpo e epistemologia: algumas tensões em torno da dualidade entre o social e o biológico. In NÓBREGA, T. P. (ORG.) **Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física**. João Pessoa: Editora Universitária / UFPB, p. 75-96. 2006.

VAZ, A. Metodologia da pesquisa em Educação Física: algumas questões esparsas. In BRACHT, V e CRISORIO, R. (org). **A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios e perspectivas**. Campinas, SP: Autores Associados, Rio de Janeiro: PROSUL, p. 115-127. 2003.

ZOBOLI, F. **A cisão corpo/mente: espelhos e reflexos nas práxis da Educação Física**. Aracaju: SE. Editora da Universidade Federal de Sergipe – UFS. 2012.